

De Mário de Andrade e de Epicuro: uma análise de *O Peru de Natal**

André Luiz Alves Caldas Amora**
Colégio Pedro II

Resumo

A *Carta sobre a Felicidade a Meneceu* pode ser vista como uma obra de fundamentação da filosofia epicurista. Nela, o filósofo grego defende que o prazer é o princípio e o fim de uma vida feliz. De acordo com a filosofia epicurista, o prazer verdadeiro seria aquele que encanta o espírito e não causa dor, alcançando, assim, a *ataraxia*. No século XX, Mário de Andrade apresenta-nos o conto *O Peru de Natal*, o qual tem como um de seus personagens principais o jovem Juca, que busca organizar uma ceia de Natal verdadeiramente feliz para a sua família. Nosso estudo, dessa forma, tem por objetivo realizar uma leitura do conto de Mario de Andrade à luz da filosofia epicurista, tendo como base elementos textuais que o aproximam da filosofia em questão.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; Diálogo

1. Introdução

Mário de Andrade, um dos grandes nomes do modernismo brasileiro, apresenta uma obra vasta e de profunda importância na nossa literatura. Suas obras *Pauliceia Desvairada* e *Macunaíma*, talvez as mais conhecidas do autor, são sempre revisitadas por estudiosos. Em nosso estudo, no entanto, vamos adentrar um dos contos do escritor modernista, *O Peru de Natal*, o qual tem como um de seus personagens principais o jovem Juca, que busca organizar uma ceia de Natal verdadeiramente feliz para a sua família.

O conto, que pode ser relacionado com a famosa teoria edipiana de Sigmund Freud – por ter uma espécie de aniquilamento da imagem do pai, que já havia morrido, pelo narrador, além de um estabelecimento de uma relação entre mãe e filho a partir da ausência paterna –, permite ainda outra possibilidade de análise: a aproximação entre o personagem-narrador, Juca, e a filosofia epicurista – filosofia presente no período helenístico, que tinha por objetivo

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF campus CAMPOS CENTRO, em junho de 2015.

** Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Docente de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Pedro II. E-mail: andrealdasrj@gmail.com

a busca pelo prazer¹, e que foi muitas vezes deturpada, sendo relacionada a um prazer desmedido, “sendo confundida com o gozo imoderado dos prazeres mundanos, como se não distinguisse do hedonismo puro e simples”, defendido por Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore, na apresentação da *Carta sobre a Felicidade* (cf. EPICURO, 2002, P. 10).

2. Da Carta sobre a Felicidade

A *Carta sobre a Felicidade*, escrita por Epicuro a Meneceu, pode ser vista como uma obra de fundamentação da filosofia epicurista. Nela, o filósofo grego defende que o prazer é o princípio e o fim de uma vida feliz. Esse prazer, porém, não é o prazer movido pelas paixões e pelos sentidos, sendo a obra apresentada, como diz Tiziano Dorandi, em seu estudo sobre o *corpus* epicurista, “como uma exposição sobre os modos de vida e sobre a escolha de certas coisas e a recusa da morte” (DORANDI, 2011, p. 41). De acordo com a filosofia de Epicuro, o prazer verdadeiro seria aquele que encanta o espírito e não causa dor, alcançando, assim, a ataraxia. Segundo James Warren, em seu artigo sobre a ética em Epicuro:

Um homem realizado, isto é, um homem que realiza tão bem quanto possível um estado ideal para um membro de sua espécie, é um homem que se encontra no mais elevado estado de prazer. A dor, pelo contrário, é a marca de um estado incorreto ou defeituoso; deve ser, portanto, evitada. Assim, os epicuristas qualificam o prazer e a dor como “critérios de verdade” no domínio do que é para ser escolhido e evitado. (WARREN, 2011, p. 147)

Epicuro defende que a filosofia é útil e fundamental para alcançar a saúde do espírito, pois é a partir dela que o homem pode se tornar feliz, independentemente de sua fase da vida (cf. EPICURO, 2002, p 21). Um dos ensinamentos primordiais do filósofo está relacionado à crença da existência dos deuses como imortais e bem-aventurados, pois, para se chegar à felicidade, há a necessidade de se reconhecer a divindade como um ente supremo. Há de se aceitar os desígnios divinos para se chegar à felicidade plena. O homem não deve se contaminar pelas opiniões falsas disseminadas aos deuses, devendo preservar a inerência dos deuses, unidos aos homens por suas próprias virtudes.

¹ Prazer esse que também é estudado por Freud. Grosso modo, o princípio do prazer, cunhado pelo psicanalista, seria um desejo de satisfação imediata, evitando, dessa forma, a dor e o sofrimento, contrapondo-se ao princípio da realidade, que pode ser visto como um amadurecimento do indivíduo, que adiaria as gratificações em prol do coletivo e pela necessidade de sobrevivência.

No que tange à morte, ela seria a ausência das sensações, e, se todo bem e todo mal estão relacionados às sensações, o homem não deveria se afligir em relação a esse suposto fim da vida. Deixar de viver, portanto, não seria aflitivo. O desejo de imortalidade e a aflição própria da espera da morte tornam a vida menos feliz, pois o que importa na vida não é a sua duração, mas a sua qualidade.

Epicuro encerra a questão da morte enfatizando que ela não deve significar nada, pois, se estamos vivos, “é a morte que não está presente” (EPICURO, 2002, p. 29), e, se, “quando a morte está presente, nós é que não estamos” (Ibidem, p. 29). Dessa forma, “não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui” (Ibidem, p. 29).

Não há motivo para o homem sofrer, mas para isso há a necessidade de se libertar das perturbações, contaminadas pelos pensamentos que podem causar dor, presentes no caminho do homem. Para ele, a qualidade sobrepõe-se à quantidade, e o sábio será aquele que possui a imperturbabilidade da alma, não desprezando a vida nem temendo a morte. A efemeridade da vida não seria um mal. De acordo com o pensamento de Epicuro, não há como se ter controle sobre o futuro. A espera de um futuro certo ou o desespero da ausência deste pode perturbar a alma, trazendo, assim, infelicidade e dor.

Sobre os desejos, Epicuro aponta aqueles que são naturais e os que são inúteis. Dentre os prazeres naturais, há ainda a subdivisão entre os necessários e aqueles apenas naturais. O bem-estar corporal e a própria vida, por exemplo, estariam ligados aos prazeres necessários. Dessa forma, conhecer seus desejos seria de suma importância para a busca de um bem-estar tanto do corpo quanto do espírito. Todas as ações devem visar a esse bem-estar, afastando-se, portanto, da dor e do medo. Conhecendo os seus desejos, o homem não precisaria buscar coisas que não podem trazer o bem da alma e do corpo – as coisas inúteis. Se não se busca o que lhe falta, o homem estará satisfeito. Só se sentiria a necessidade do prazer devido a sua ausência. Quando não se tem essa necessidade, o sentimento de falta não existe (cf. EPICURO, 2002, p. 35)

O prazer, segundo Epicuro, “é o início e o fim de uma vida feliz” (Ibidem, p. 37), é um bem essencial do homem e é a partir desse bem que se realiza toda escolha e toda recusa. Ao prazer “chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor” (Ibidem, p. 37). O prazer é para o ser humano um bem, mas esse bem nem sempre é escolhido. Da mesma forma, toda dor pode ser considerada um mal, “mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos” (Ibidem, p. 39).

A autossuficiência é vista como um grande bem. Epicuro diz que o homem não tem necessariamente de satisfazer-se com pouco, mas, se não tiver o muito, o contentamento com o pouco é importante e necessário. Se o homem não depende da abundância, o seu desfrutar será melhor. Vale ressaltar que a busca dos prazeres defendida pelo pensador antigo não está relacionada ao prazer desmedido dos sentidos, mas àquele relacionado à ausência de dor e sofrimento, tanto do corpo quanto da alma. Essa distinção é essencial para não se deturpar a filosofia epicurista, pois muitos a veem como algo que busca a satisfação e o prazer a todo custo e desmedido, tornando-a, assim, exatamente o oposto daquilo que ela prega.

Ser atento e cuidado perante todas as escolhas e rejeições faz do homem um ser prudente. A prudência, para o filósofo, é um bem mais precioso que a própria filosofia. É da prudência que se originaram as demais virtudes. E é a própria prudência que ensina que sem ela (além de beleza e de justiça) não pode haver uma vida feliz, e que sem felicidade não há a possibilidade de existir prudência, beleza e justiça. Epicuro indaga o seu interlocutor se pode existir alguém mais feliz que o sábio. Aquele que é reverente acerca dos deuses, que é indiferente em relação à morte, que tem a compreensão da natureza e que reconhece que o bem supremo reside nas coisas simples terá uma vida sem perturbações e sem sobressaltos.

O sábio, segundo Epicuro, entende que o destino não é um ser divino nem incerto. A sorte não proporcionará ao homem “nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males” (Ibidem, p. 37-39). De acordo com o sábio “é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau” (Ibidem, p. 51).

Warren diz sobre a filosofia epicurista que

Se o objetivo da vida é atingir um estado destituído de dor, então a prudência determina reduzir os próprios desejos aos mais gerais (...). Epicuro é célebre por haver declarado que podia fazer um bom jantar com alimento muito simples (...), e ele não entendia com isso atribuir um valor intrínseco ao estilo de vida ascético. (...) os desejos de alimento requintado entre os desejos naturais não necessários: são naturais, porque uma vez satisfeitos contribuirão para a sobrevivência e para a saúde de um organismo libertado da dor e da fome; mas não são necessários (...) porque (...) não é necessário comer alimento requintado para libertar-se da dor e da fome. (WARREN, 2011, p. 168)

Apesar de serem bastante imprecisos os testemunhos de que dispomos da doutrina epicurista, devido ao próprio caráter hermético de diversos escritos de Epicuro e de sua doxografia, parece que os epicuristas, segundo Diógenes Laércio, “desaconselhavam o casamento e a criação e educação de filhos, exceto em certas circunstâncias” (Ibidem, p.169):

É verdade que muitos epicuristas (...) tiveram filhos, o que permite pensar que as circunstâncias que autorizam tais escolhas não são, nesse ponto, excepcionais aos olhos de um verdadeiro epicurista. Os testemunhos estão longe de ser claros, mas pode-se estar certo de que uma vida epicurista, ainda que comporte poucas necessidades, inclui vínculos afetivos de amizade e familiares, bem como uma grande variedade de atividades e de prazeres compartilhados. (Ibidem, p. 169-170)

Outra questão importante na filosofia epicurista é a exaltação da amizade. Giovanni Reale e Dante Antiseri, em sua *História da Filosofia*, ressaltam que

o único liame admitido como verdadeiramente factível (...) é a amizade, laço livre que reúne juntos aqueles que sentem, pensam e vivem de modo idêntico. Na amizade, nada é imposto de fora e de modo não-natural; sendo assim, nada viola a intimidade do indivíduo. No amigo, o epicurista vê outro si mesmo. (REALE & ANTISERI, 2003, p. 272)

De acordo com a filosofia de Epicuro, tendo em vista uma vida feliz, a conquista da amizade seria o maior bem dentre todos os outros. “A amizade anda pela terra anunciando a todos que devemos acordar para dar alegria uns aos outros”. (REALE & ANTISERI, 2003, p. 272).

3. D'O Peru de Natal

Obra integrante de *Contos Novos*, o *Peru de Natal* apresenta Juca – o narrador – como um personagem excêntrico que busca oferecer à sua família um Natal diferente das antigas celebrações natalinas de sua casa. Antes, a felicidade da família era abstrata, sem lirismo, como apresenta o próprio Juca. Buscando uma verdadeira celebração, o narrador pretende dar à família o primeiro Natal verdadeiro – agora sem a interferência de seu falecido pai, com a sua natureza cinzenta:

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fôramos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres. (ANDRADE, 1991, p. 75)

A imagem recorrente da morte – e a lembrança dolorosa do pai – nos almoços da família é evidenciada por Juca. O enaltecimento e a obrigação do luto familiar surgem como um grande entrave na constituição da felicidade familiar. Interessante notar como Juca lida com a morte de seu pai. A presença do *etc.* em seu discurso, quando relata o luto e o sofrimento vivido por sua família, demonstra a necessidade de relativizar a morte do pai. Segundo Juca, a dor familiar era apenas aparente, e ele, que gostava de seu pai apenas por sua obrigação filial, seria aquele que deveria libertar a família do persistente luto, mesmo que houvesse “de aborrecer o bom do morto”:

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a ideia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto. (Ibidem, p. 75)

Devido ao seu jeito diferente do restante de sua família, as ações de Juca são consideradas loucas. A loucura, em nosso ponto de vista, é considerada a busca da realização dos prazeres. Ser considerado louco pela *parentagem* o fez viver uma vida sem complexos, fazendo-o viver sem sofrimentos, numa espécie de imperturbabilidade da alma:

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco". "É doido, coitado!" falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada. (Ibidem, p. 75-76)

A lembrança dos natais anteriores revela que a celebração era feita apenas por uma obrigação familiar. A ceia de Natal, considerada pelo narrador como uma ceia reles, pode ser vista como uma celebração típica de seu pai - monótona. No entanto, Juca possui o desejo de uma ceia digna, na qual o seu desejo será realizado: uma ceia com peru. Num primeiro momento, a ceia pode ser aproximada do prazer não-necessário exposto por Epicuro. Percebe-

se, entretanto, que o peru será um elemento aglutinador para algo mais importante e até sublime – a congregação familiar:

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa dos quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando isso que arrebentei com uma das minhas "loucuras":

— Bom, no Natal, quero comer peru. (Ibidem, p. 76)

Apesar de sua considerada loucura, percebe-se a presença da ternura pela mãe, pela tia e pela irmã. O peru, prato de festa, era desfrutado somente pela *parentagem*. A mãe, a tia e a irmã – suas três mães – trabalhavam pelo Natal dos outros, não podendo aproveitar nem a própria ceia. Exaustas no fim da festividade, elas e o seu núcleo familiar apenas desfrutavam daquilo que sobrava para o dia seguinte. A família contentava-se com o resto da ceia, não sabendo o que seria, na verdade, uma verdadeira ceia de Natal, muito menos o que poderia ser uma congregação familiar verdadeira:

Me deu de sopetão uma ternura imensa por mamãe e titia, minhas duas mães, três com minha irmã, as três mães que sempre me divinizaram a vida. (...) Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, invadiam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. Minhas três mães, três dias antes já não sabiam da vida senão trabalhar, trabalhar no preparo de doces e frios finíssimos de bem feitos, a parentagem devorava tudo e ainda levava embrulhinhos pros que não tinham podido vir. As minhas três mães mal podiam de exaustas. Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam num naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru em nossa casa, peru resto de festa. (Ibidem, p. 76)

O Natal com peru revela, assim, o anseio de Juca de realizar o desejo de sua família. Um Natal de verdade, com fartura. É interessante notar o indício de um altruísmo de Juca em relação à mãe. Apesar de seus gostos “já bastante afinados fora do lar” fazerem-no pensar em um bom vinho, ele cede à cerveja, por ser a bebida preferida de sua mãe. A ternura por sua mãe vence a sua loucura:

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de ajuntar ameixa preta, nozes e um cálice de xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. Está claro que omiti onde aprendera a receita, mas todos desconfiaram. E ficaram logo naquele ar de incenso assoprado, se não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus "gostos", já bastante afinados fora do lar, pensei

primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja. (Ibidem, p. 76-77)

Quando finalmente ocorre a ceia, o sentimento de felicidade contagia a todos os membros de seu núcleo familiar. Pela primeira vez há um Natal feliz. Não pelo peru, mas pelo sentimento de felicidade compartilhado por todos os integrantes da família. Percebe-se que o prato principal não é um fim para a felicidade, mas toda a comunhão que a ceia proporciona. A família de Juca vive “o mais maravilhoso Natal”:

Comprou-se o peru, fez-se o peru, etc. E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do peito da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

— Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso! (Ibidem, p. 77)

Os sentimentos de amor familiar e de altruísmo, abafados pelo cotidiano da família, são redescobertos por todos os integrantes da família. Segundo Juca, naquela casa de modestos burgueses, finalmente acontece um “milagre digno do natal de um Deus”:

O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, só pra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que a quotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus. O peito do peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas. (Ibidem, p. 77)

Mesmo em um momento de festividade, a lembrança do pai surge durante a ceia, causando comoção na família. A presença do pai, mesmo que somente na memória dos presentes, coloca em risco a tão esperada congregação familiar. A imagem indesejável do pai morto, com a sua figura cinzenta, faz a alegria ser algo quase impossível:

Foi quando ela não pode mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezenove anos... Diabo de família besta que via peru e chorava! coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável de meu pai

morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado. (Ibidem, p. 78)

É importante ressaltar a luta simbólica entre o peru – elemento aglutinador da família – e a imagem do falecido pai – com toda a sua representação negativa. Apesar da comoção imposta pela lembrança do pai, Juca consegue, de forma hipócrita e política – como mencionado por ele – atenuar o sentimento de sofrimento presente, naquele momento, na ceia. Fingir-se triste e evidenciar o quanto o pai deveria estar contente por causa daquela reunião familiar é a solução vitoriosa de Juca para reestabelecer o clima de confraternização daquele Natal tão desejado:

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visguentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

— Só falta seu pai...

Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

— É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família. (Ibidem, p. 78-79)

Segundo a filosofia epicurista, há a necessidade de se entender a morte como um processo natural da vida. A ideia de que a morte não sendo nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para os vivos ela não existe, ao passo que os mortos não estão mais entre os vivos, não sendo, portanto, nada também (cf. EPICURO, 2002, p. 29), pode ser aproximada nesse momento do texto. Fazer a família deixar de sofrer por causa da morte do pai é a finalidade de Juca. Sem dor e sem sofrimento, a felicidade plena pode ser alcançada.

E todos principiaram muito calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fora um santo que "vocês, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai", um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso. (ANDRADE, 1991, p. 79)

A imagem do pai, “que foi diminuindo, diminuindo” pode ser vista como uma metonímia da imagem da própria morte, que, nesse caso, vai se dissipando do seio familiar. A partir do aniquilamento da presença do pai/morte, percebe-se o renascimento, ou melhor, o nascimento de um grande amor familiar. Voltando à ideia de Epicuro, “a amizade anda pela terra anunciando a todos que devemos acordar para dar alegria uns aos outros”. (REALE & ANTISERI, 2003, p. 272):

Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever «felicidade gustativa», mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentescos distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

(...)

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. (ANDRADE, 1991, p. 79)

4. Considerações finais

“Todos alagados de felicidade”. Todos sentindo uma “felicidade maiúscula”. Vê-se que o Natal desejado e realizado pelo louco Juca traz plenitude à família. O amor familiar pode assumir, no conto de Mário de Andrade, traços de um prazer verdadeiro. Percebe-se, assim, que a felicidade plena, de acordo com Juca, pode estar presente na própria congregação familiar, e a partir dela, pode-se chegar até mesmo à ataraxia, a imperturbabilidade da alma.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

DORANDI, Tiziano. “O *corpus* epicurista”. In: GIGANDET, A. e MOREL, P.-M. *Ler epicuro e os epicuristas*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da Filosofia – volume 1*. São Paulo: Paulus, 2003.

WARREN, James. “A ética”. In: GIGANDET, A. e MOREL, P.-M. *Ler epicuro e os epicuristas*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.